

**Cinema, Internet, Racismo e Mercado Financeiro: das
denúncias coloniais à *hélix* política pela educação
matemática**

**Cinema, Internet, Racism and the Finance Market: from
colonial denunciations to political hexis through
mathematics education**

*Maurício Rosa*¹

*Arthur B. Powell*²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir teoricamente uma possível articulação entre Cinema, Internet, racismo e mercado financeiro como prática educativa para a sala de aula de matemática. Apresentamos uma possível experiência educacional matemática com Tecnologias Digitais (DT) (Cinema via *streaming* e Internet como fonte de informação jornalística) que pode assumir o papel de meio de revelação de uma *hélix* política que defende a justiça social. Fazemos isso debatendo uma cena do filme "Doutor Gama" (2021), que retrata a vida de Luiz Gama (um renomado abolicionista), e trazendo informações jornalísticas de antes da abolição da escravatura e de situações atuais, que retratam as relações entre o que é postulado pelo mercado financeiro e o que está por trás do que é postulado, especificamente, o racismo e a injustiça social. Nossas considerações se alinham com uma *hélix* política por meio da educação matemática, ou seja, uma postura antirracista e em defesa da justiça social, desenvolvida nas atividades de educação financeira por meio da transposição de problemas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Financeira. Decolonialidade. História do Brasil.
Tecnologias Digitais. Transposição de problemas.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. E-mail: mauriciomatematica@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9682-4343>

² Rutgers University. E-mail: powellab@newark.rutgers.edu Link do Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6086-3698>



ABSTRACT

This article aims to theoretically discuss a possible articulation between Cinema, Internet, racism and the financial market as an educational practice for the mathematics classroom. We present a possible mathematical educational experience with Digital Technologies (DT) (Cinema via streaming and the Internet as a source of journalistic information) that can assume the role of a means of revealing a political *hexis* that defends social justice. We do this by debating a scene from the movie "Doutor Gama" (2021) that portrays the life of Luiz Gama (a renowned abolitionist) and bringing journalistic information from before the abolition of slavery and from current situations that portray the relations between what the finance market postulates and what is behind of what is postulated, specifically, racism and social injustice. Our considerations align with a political *hexis* through mathematics education, that is, an anti-racist stance and in defense of social justice, developed in financial education activities through the transposition of problems.

KEYWORDS: Financial Education. Decoloniality. History of Brazil. Digital Technologies. ProblemsTransposing.

Conexões Digitais... introduzindo nosso estudo

Esse estudo inicia com nossa experiência com a internet. Por meio de uma rede social, em dezembro de 2022, tivemos acesso a um debate sobre o mercado financeiro e sua posição diante da libertação dos escravos na época de defesa do abolicionismo no Brasil. O *story* divulgado nessa rede social apresentava uma reportagem do jornal intitulado "Diário do Brazil" de 21 de setembro de 1884 que trazia esse posicionamento. A partir dessa publicação, então, fomos atrás do jornal em si, e entre diversas conexões que saltavam em sites de busca, chegamos à referida edição. Nosso movimento de busca pela história do Brasil em relação à escravização, em fonte jornalística da época, foi provocado pela nossa atual pesquisa.

Nossa pesquisa do momento, então, iniciou no segundo semestre de 2020, no decorrer da pandemia de Covid-19, quando começamos a lançar olhares ao Cinema, de modo a investigar como professoras/professoras/professores de matemática compreendem/constituem responsabilidade social e *hexis* política³ por meio da análise de produtos cinematográficos e consequente produção de planos de aula de matemática. Esses planos de aula versam sobre questões sociais (racismo, homofobia, transfobia...) e tendem a educar pela(s) matemática(s).

Destarte, ao efetuarmos conexões com as redes sociais, em um movimento hipertextual (Rosa; Maltempo, 2010), nos lançamos ao passado pela presencialidade futura de uma internet cada vez mais linkada e veloz. Isso nos permitiu fazer conexões entre o que já evidenciávamos enquanto pesquisa com o Cinema, sobre racismo, por

³ "A *hexis* política é disposição a, é postura que assume como premissa o pluralismo político, a igualdade em termos de participação política e, conseqüentemente, a liberdade, o respeito às diferenças. Parte do princípio democrático, pois contraria a perspectiva de uma sociedade definida por um único grupo ou por uma só pessoa - ditadura ou totalitarismo "(ROSA, 2022a, p.219).

exemplo, e o que se abria como horizonte investigativo à educação matemática: mercado financeiro, educação financeira e educação política pela(s) matemática(s).

Nesse sentido, iniciamos nossa discussão nesse artigo pelo papel do Cinema enquanto tecnologia política (Rosa, 2023) na educação, trazendo à tona possibilidades de reflexão sobre questões sociais que são históricas e culturais. Passamos pelo racismo que é uma dessas questões sociais e, por isso, trazemos o filme *Doutor Gama* (2021) como desencadeador de problematizações sobre o próprio racismo e sua relação com o mercado financeiro (da época em que se lutava pela abolição da escravidão). Adentramos, então, na discussão teórica sobre o racismo em si, sobre o mercado financeiro e sobre a necessidade de reflexão crítica sobre essas temáticas, de forma a constituir uma educação financeira (Silva; Powell, 2013; 2015), nos dias atuais, em prol de uma *héxis* política (Rosa, 2021a; 2022a). Nesse ínterim, rumamos às informações jornalísticas de 1884 e atuais, que foram interpeladas por meio das conexões da internet, buscando desvelar as similaridades existentes entre passado e presente, em um fluxo histórico que perpassa o racismo e posições de poder. Destacamos, assim, uma proposta de atividade-matemática-com-a-internet que explora a transposição de problemas (Rosa; Giraldo, 2023) sob uma perspectiva de educação financeira crítica, intuindo e projetando que haja a compreensão/constituição de uma *héxis* política antirracista e em defesa da justiça social por parte das/des/dos estudantes.

Com isso, a questão diretriz desse estudo configura-se da seguinte maneira:

"Como articular Cinema, internet, racismo e mercado financeiro, de forma que estudantes possam compreender/constituir *héxis* política, antirracista e defensora da justiça social, pela educação matemática?"

Cinema como Tecnologia Política: o caso do "Doutor Gama"(2021)

O Cinema, segundo Bordwell e Thompson (2014), é uma mídia jovem se comparada a outras como a pintura, a dança, o teatro e a literatura. É uma arte, ao considerarmos seu potencial de contar histórias quando traz à baila ilusões, imagens, sonoridades, movimentos, efeitos especiais, textos, poesia...O Cinema é considerado como a sétima arte, ou ainda ele pode ser entendido como o encontro delas, pois, as artes podem ser vistas por meio do Cinema. Enquanto pintura, ele se apresenta pela fotografia da obra, posta pela câmera; enquanto escrita literária, ele se materializa pelos seus roteiros; enquanto música, ele é vivenciado pela composição de trilhas sonoras; enquanto arquitetura, se apresenta pela constituição de seus cenários; enquanto dança, nos movimentos de corpos e na estética do sequenciamento de

imagens; e enquanto escultura, como produto que não é só criado, mas produzido em um coletivo técnico que ousa lançar voos na composição artística de cada filme.

Os filmes, então, "comunicam informações e ideias, e nos mostram lugares e modos de vida com os quais de outra forma talvez não tivéssemos contato" (Bordwell, Thompson, 2014, p. 29). Eles possibilitam modos de ver e sentir, nos carregando a experiências por meio de histórias com personagens (com as/es/os quais nos identificamos), por meio de percepções visuais e texturas sonoras. Cada filme pode nos conduzir a uma jornada que subjetivamente nos enlaça em uma experiência estética (Rosa, 2021b) que retoma memórias, sensações e reflexões que atentam, muitas vezes, para perspectivas sociais e políticas.

Nesse ínterim, entendemos o Cinema como uma tecnologia política, uma vez que tanto a ação de produzir quanto a de assistir filmes se constitui como arte ou ofício que se vincula às "artes práticas" e que se configura por meio da intencionalidade de quem o produz ou assiste (plugando-se a cada filme). Logo, essa arte ou ofício se sustenta em uma prática/aplicação (tecnologia), proveniente do senso de ciência, mas, que se distingue do conhecimento (ciência) em si (Williams, 2015), assim como, engloba uma adjetivação "política", uma vez que também se propõe à reflexão da liberdade. Essa reflexão baseia-se na pluralidade de pessoas e busca como sentido e como objetivo, a própria liberdade dessas pessoas. Assim, a política pode ser percebida no "entre", isto é, ela se materializa como chance e espaço de e para a liberdade, estabelecendo-se no agir, na tomada de iniciativas e na possibilidade de constituição de um novo começo, retratadas pelo filme (fluxo contínuo de imagens, sons, movimentos que nos conduzem ou nos fazem refletir uma determinada ideia) (Rosa, 2023).

Em outras palavras, o Cinema pode tornar-se um movimento prático e reflexivo, sustentado pela teoria, em termos de produção e análise, que se volte à conscientização de liberdades de coletivos, por meio de afetos experienciados na vivência intencional de cenas e atos performáticos (Rosa, 2023, p.9).

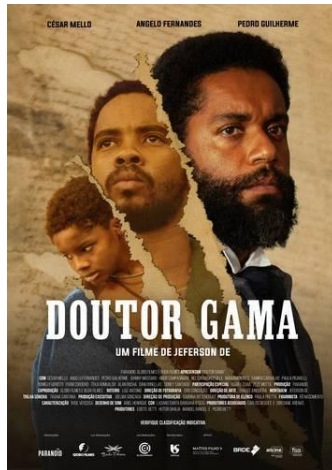
Também, compreendemos o Cinema via *streaming* como Tecnologia Digital (TD) política, porque ele possibilita a abertura de horizontes de debate, reflexão e criticidade sobre temáticas sociais e sobre suas consequências diante do existir. Essas temáticas, então, atravessam diferentes modos de ser, os quais são performados em uma diversidade de espacialidades e temporalidades. Nesse sentido, Pires e Silva (2014) discutem o papel do Cinema em uma espacialidade específica, a educativa. Seu estudo debate o uso didático do Cinema, que não se resume à exibição

de um filme em sala de aula. Para a autora e o autor, experienciar didaticamente o Cinema é vivenciá-lo, pois, ao invés de assistir um filme como quem assiste à mimetização da vida social, precisamos, na verdade, é desorganizar as imagens que são produzidas, sentindo-as, nos lançando ao lugar das vivências que são expressas, refletindo e criticando, ou seja, expandindo as significações culturais, as relações de poder e as práticas sociais que se apresentam. Logo, a experimentação é o *lócus* onde o conhecimento é vivenciado e ela se sustenta no ato de transportar-se intencionalmente (vivenciando aquela experiência com a película) ao próprio filme, enlaçando à consciência aquilo que é percebido. Isso é entendido por nós como um movimento de ir além, um ato indagador, problematizador do que é inicialmente apresentado, do que é exposto como sinônimo de correto, natural, justo, muitas vezes, significando poder ou supremacia de um determinado estereótipo, indivíduo, grupo ou nação.

Assumir uma postura crítica, diante da inflação de imagens, é o que se persegue quando se deseja educar com o Cinema. São muitas imagens lançadas continuamente sob uma intenção persuasiva, direcionada. No entanto, com qual intenção? O que quer dizer? Por que essa determinada luminosidade? Por que essa angulação específica? Qual a finalidade desse conjunto? O que isso que estamos percebendo quer dizer? Qual a razão para essa ideia construída? Qual o motivo que está por trás desse conjunto de imagens? Dessa composição?

Nesse sentido, nos debruçamos nesse estudo a pensar em um filme específico, que nos chama a atenção pela potencialidade que tem para debater o racismo e que, a nosso ver, pode ser experienciado na aula de matemática. Aqui, pensamos no Doutor Gama (2021) (Figura 1) como um filme que pode iniciar a provocação de reflexões sobre racismo e mercado financeiro, mas, que pode e deve também ser adotado com diferentes intuítos pedagógicos (conclusão de um conceito, por exemplo).

Figura 01 – Poster do Filme Doutor Gama



Fonte: Adoro Cinema (2021)

Doutor Gama (2021) retrata a biografia do advogado, escritor, jornalista e abolicionista Luiz Gonzaga Pinto da Gama. Ele nasceu em 1830, em Salvador, e se tornou um grande nome da história do Brasil, pois, mesmo sendo filho de mãe preta ex-escravizada (pois ela comprou sua alforria) conseguiu se alfabetizar e se tornar reconhecido pela sua luta abolicionista. Filho de pai branco (português), foi vendido aos dez anos de idade por este pai como escravo, após sua mãe se afastar para enfrentar a escravização. Após ser comprado, conseguiu se alfabetizar, estudou línguas, foi autodidata e conseguiu sua liberdade, uma vez que provou que havia nascido como homem livre da escravização. Luiz Gama foi considerado um dos mais respeitados advogados de sua época (Cunha; Oliveira; Gomes, 2022).

Há relatos históricos de que Luiz Gama, tendo sido proibido de formalmente estudar Direito, exercia a função de rábula, autorizado pelas autoridades da época, possibilitando a sua atuação como advogado em primeira instância (ADAMI, 2020, p. 17). Outrossim, a ausência da formação jurídica, academicamente, não obstou Luiz Gama em auxiliar na libertação de mais de 500 pessoas escravizadas (Cunha; Oliveira; Gomes, 2022, p. 72).

O filme, então, retrata a história de Luiz Gama até chegar em um importante julgamento no qual ele foi defensor. Para este estudo, escolhemos uma cena do filme, em particular. A cena representa Luiz Gama em um tribunal, defendendo um escravo que havia matado seu senhor, devido aos abusos e violências (estupros) que eram cometidos pelo senhor contra a esposa desse escravo. A causa, dada como perdida à época, ano de 1880, assume centralidade na terceira parte do filme e se destaca nessa cena, em que Gama enfrenta um procurador já conhecido, extremamente racista e, conseqüentemente, que tem uma postura contrária à libertação dos escravizados. A cena apresenta um jogral articulado entre defesa e acusação, o qual demonstra, como em um jogo de ping-pong, a argumentação proferida por ambos os lados.

Com isso, apresentamos o diálogo da cena escolhida, que ocorre no intervalo de tempo do filme de 01:12:26 a 01:17:29 e apresenta ambos, advogado de defesa (Gama) e o promotor, ambos se dirigindo ao júri (completamente formado por homens brancos):

Gama: Por que vocês consideram um escravo um ser menor que vocês?

Procurador: Precisamos sim de filhos da África!

Gama: É pela cor da pele?

Procurador: Até a pele deles é diferente da nossa.

Gama: José é diferente, ele é um escravo, eu não (referindo-se a ele ser preto também).

Procurador: É nossa culpa se eles não se desenvolveram?

Gama: Eu senhores, olhem para esse nariz, olhem para esse cabelo, olhem para esse rosto.

Procurador: É nossa culpa se eles não tiveram a mesma educação?

Gama: Eu falo português, francês e latim.

Procurador: O advogado aqui quer que vocês acreditem que esse mostro, esse assassino, frio, é na verdade, uma vítima (com tom sarcástico).

Gama: Um homem trabalhador que viu sua esposa ser torturada e abusada todos os dias, noite após noite...

Procurador: A escravidão não é algo de que nos orgulhamos...

Gama: Porque é isso que vocês estão fazendo todos os dias!

Procurador: Mas, nós temos orgulho do nosso crescimento econômico.

Gama: A escravidão não é um caminho para o desenvolvimento, ao contrário disso, nós somos uma das últimas nações a permitirem essa barbárie. Será que isso não quer dizer algo Dr. Pedro (o procurador)? Isso não diz algo aos senhores?

Procurador: Nós somos uma nação livre.

Gama: A comédia está em voga, senhores, não?

Procurador: Uma sólida e boa monarquia

Gama: A escravidão é sim, um dos maiores crimes possíveis e imagináveis. O cativo, meus caros, é uma vergonha para esse país. [pausa]

Procurador: Tempos sombrios os de hoje. Porque parece que nós vamos assistir uma terrível transformação na nossa sociedade. Nós ouvimos falar de muitas rebeliões de escravos em todos os lugares, o Haiti que era um país, agora é uma terra selvagem, depois que os escravos resolveram assassinar todos os seus senhores. Muitas rebeliões estão acontecendo aqui no nosso Brasil, no nosso país. Temos duas opções: fazer cumprir a lei e enforcar esse homem (aponta para o escravizado José) ou abolir de uma vez só, as leis, a escravidão, destruindo o nosso país, nosso crescimento e condenando nossas famílias para sempre. Pensem nisso!

Gama: Eu sou um advogado e um homem preto, mais preto do que muitos dos escravos dos senhores. Para quem não sabe, eu também já fui escravizado. Tem uma pessoa que se considerava o meu dono. Portanto, eu sei o que é ser tratado como uma coisa e posso dizer que muito dos meus valores não foram aprendidos em livros, não. Muito do que sai dessa boca e causa admiração em vocês, me foi ensinado pelos meus antepassados, companheiros de vida, de luta (bate na mão para mostrar sua cor), por pretos como ele (aponta para o escravizado José), homens como o José. Um homem trabalhador, religioso, casado, que viu a sua esposa ser torturada. E mesmo que isso não tivesse acontecido, senhores, sejamos sinceros, mesmo que José não tivesse sido maltratado, percebam que a vida dele já havia sido arrancada. Nós ouvimos aqui, hoje, argumentos sobre oportunidade e enriquecimento, pois bem, pensem comigo, se você (aponta para um membro do júri) tivesse a oportunidade de ganhar muito, mas muito dinheiro, você teria a coragem de matar a família inteira da pessoa que está sentada, hoje aqui, do seu lado? Você teria a coragem de violentar a esposa dele? De torturá-los? De sufocá-los até a morte? É exatamente isso que vocês estão fazendo, vocês estão cometendo esses crimes e dormindo como anjinhos. Mudanças são dolorosas. Muitos temem as mudanças. Nós como seres humanos preferimos sempre manter as coisas seguras. Do jeito que estão. Mas se não dermos o primeiro passo senhores (ele dá um passo), nunca sairemos do lugar. E precisamos avançar como nação. Esse avanço, senhores, pode e deve começar aqui, agora. Nós podemos sim condenar esse homem como tantos outros ou não, ou melhor, nós podemos entender que cada um de vocês hoje, aqui, pode fazer história.

Essa cena é um exemplo de como o Cinema pode resgatar questões passadas de modo a estabelecer diálogo e provocar debates sobre o racismo e sua forma densa de opressão no período de escravização no Brasil. No caso, esse filme envolve uma

questão social (racismo) que também é política, assim como, enlaça uma questão financeira. Portanto, há um entrelaçamento que acontece ao se reivindicar a memória de fatos oriundos de um tempo histórico (a escravização), embora, dependendo da consciência ou dos interesses que subjazem a interpretação dos fatos. No caso, o entrelaçamento pode se dar de forma contestada (Giroux, 2011), pois muitos podem, por exemplo, dizer que o período demarcado é denominado de "escravidão" e não "escravização". Segundo Rosa (2023, p.6) "A contestação ocorre por causa das diferenças culturais e das distintamente variadas informações sociais e históricas promulgadas, ou seja, a memória de 'mocinhos' e 'bandidos' relacionada a uma questão ambiental". No entanto, nosso posicionamento político é de demarcar a ação de escravizar ocorrida na época, problematizando o que é chamado de escravidão e trazendo à tona o racismo, a ação de escravização, como imagem imanente, assim como, o capital que habitava no entorno dessa ação. Isto é, a questão financeira é um dos fundos que embasam o argumento de manutenção da desumanização das pessoas pretas.

O filme Doutor Gama (2021) problematiza a postura de uma classe dominante que escravizava, que violentava e torturava pessoas em prol de seu bem particular e de seu poder aquisitivo. Assim, ele abre horizontes de articulação entre o passado e o presente, de forma a se questionar o "peso" que as relações de poder oficiais e não-oficiais estabelecem com a vida cotidiana de um povo, colocando "em cheque" quem, de fato, pode ser considerada/considerade/considerado "mocinha/mocinhe/ mocinho" ou "bandida/bandide/bandido".

Giroux (2011) afirma que os filmes materializam a necessidade de conscientização sobre questões profundamente políticas e pedagógicas. Ele revela que o conhecimento, a prática, o discurso, as imagens, os valores que são construídos com os filmes também fazem parte das nossas vidas e, por meio desses filmes, muitas vezes, é que conseguimos perceber determinadas questões que vivemos hoje e que não são facilmente identificadas. "Assim, o filme oferece maneiras de repensar tanto a importância da cultura política quanto da pedagogia pública. Ambas sendo centrais para o que significa tornar o político mais pedagógico e o pedagógico mais político" (Rosa, 2023, p.7).

Portanto, vamos discutir as duas principais questões levantadas na cena apresentada, aproveitando para trazer à tona a sustentação teórica para ambas e a exemplificação dessas, quais sejam: racismo e mercado financeiro.

Racismo e Mercado Financeiro - encruzilhadas históricas-coloniais vergonhosas: nossas denúncias

O filme *Doutor Gama* (2021) retrata um período histórico do Brasil pelo qual o racismo se presentificou por meio de sua forma mais devastadora. O racismo, conforme Kivel (2017), é uma postura que tem por base o conceito de branquitude, o qual habita no imaginário e se materializa de forma impositiva, por meio do poder e da violência. Ele é expresso por atitudes, posições, verbalizações contra pessoas pretas e toma a branquitude como a linha que separa as pessoas que têm direito a certos privilégios, das pessoas que são subjugadas à exploração, à vulnerabilidade e à violência. Essas subjugações são justificadas pelo simples fato dessas pessoas não serem brancas. Nesse sentido, conforme nos mostra o filme, no Brasil, foi a escravização que demarcou ferozmente essa exploração, vulnerabilidade e violência, no entanto, de acordo com Nascimento (1978), ela também definiu a qualidade, a extensão e a intensidade da relação física e espiritual entre as pessoas descendentes desse período histórico. Três continentes representados nesse período (Europa, África e América) foram confrontados por suas características próprias e carregaram estigmas dados pela criação linguística chamada raça às pessoas cujas culturas não foram definidas como civilizadas.

Conforme Dumas (2019), no percurso histórico oficial houve uma generalização de pertencimento ao grupo de humanos, de forma a atender (o que ocorre ainda hoje) à totalidade de características pautadas no corpo de um homem branco europeu, sendo esse o referencial. O corpo negro, ao contrário, era subjacente a essa referência, pois, não carregava as características fenotípicas e anatômicas dadas como a fronteira limitante ao "ser" e "não ser" humano.

Todavia, houve uma necessidade econômica que se ocultou atrás da ideia de civilidade, humanidade, subjugação e definição da pessoa preta como não pertencente ao grupo supostamente seletivo e escolhido como "humano". A qualificação de corpos brancos e, conseqüentemente, a desqualificação de negros teve por objetivo atender a interesses do poder, que estava concentrado, principalmente, no comércio da época escravagista (Dumas, 2019). Assim, esse autor revela que um projeto colonizador se adequava perfeitamente à transformação do conceito de corpo e de gente perante a branquitude, uma vez que o poder de dizer quem não era humano favorecia também colocar facilmente as pessoas não humanas em trabalho servil indigno, de forma a comercializá-las como mercadoria. Do mesmo modo, justificava a apropriação de terras, produção e acúmulo de bens que, na concepção

mercantilista, pertenciam às pessoas não humanas. Para atender a esse objetivo, a agricultura foi a área com o maior desenvolvimento durante o período colonial e sua diversidade de exportação de matérias-primas se manteve no Império. O êxito na exploração da cana-de-açúcar, por exemplo, dependia (na visão dos dominantes) das pessoas escravizadas, ou seja, dos corpos destinados ao trabalho escravo. Logo, para que houvesse esse suposto êxito, a justificativa para a escravização se sustentou em uma "definição de corpo inventando uma raça, não a de todos, mas a do povo a ser escravizado" (Dumas, 2019, p.2). Ou seja, quando no filme, o personagem Luiz Gama questiona "*Por que vocês consideram um escravo um ser menor que vocês?*", o motivo se apregoa à questão criada de que aquele escravizado era de uma raça inferior e que nem humano ele seria. No entanto, a razão para a própria criação desse conceito e para a divulgação desse, também é apresentada no próprio filme, quando o procurador fala "*Precisamos sim de filhos da África!*", ou seja, as pessoas africanas eram necessárias, na verdade, eram imprescindíveis para fazerem o trabalho pesado.

Conforme Cunha, Oliveira e Gomes (2022), no decorrer das fases do que se entende por evolução dos povos, sempre há doutrinas filosóficas que (im)põem seus axiomas para comandar os direcionamentos do Estado, a exemplo, os interesses econômicos. Para nós, essas doutrinas também se revestem de moralidade, religiosidade e valores diversos, de modo a abrandar os interesses, também, de comando legislativo, que subjazem todo o processo. Conforme o filme, quando o personagem de Luiz Gama questiona "*É pela cor da pele?*" Ele questiona se é esse o motivo de considerarem uma pessoa preta inferior. A fala subsequente do procurador tende a confirmar: "*Até a pele deles é diferente da nossa*", pois se refere ao que entende por civilidade, por humanidade, distorcendo o sentido de ambos os termos e omitindo o que está por trás dessa necessidade de subjugar a pessoa preta. Podemos, então, perceber que é usado, conforme Dumas (2019, p.20), "o critério baseado exclusivamente na particularidade do povo africano: a sua origem territorial e o corpo definido pela cor da pele, ao fenótipo negro", entretanto, o procurador revela a razão que subjaz e que sustenta a crença supremacista, quando diz: "*A escravidão não é algo de que nos orgulhamos... Mas, nós temos orgulho do nosso crescimento econômico*". Isto é, o Estado Liberal da época era omissivo em relação aos direitos fundamentais, mais que isso, era comandado pela necessidade de exploração a fins financeiros, de modo a não adotar instrumentos que minimamente compensassem as desigualdades. Esse Estado reconhecia somente "os direitos civis e políticos dos proprietários dos meios de produção" (Cunha; Oliveira; Gomes, 2022, p.78).

O filme, então, retrata o sentimento de uma época, a postura de uma classe dominante escravagista que suplantava o seu bem-estar material, pessoal e do que chamava crescimento, sobre todas as pessoas escravizadas. Isso pode ser notado, quando o procurador revela: *"Temos duas opções: fazer cumprir a lei e enforcar esse homem (aponta para o escravizado José) ou abolir de uma vez só, as leis, a escravidão, destruindo o nosso país, nosso crescimento e condenando nossas famílias para sempre. Pensem nisso!"*

O racismo carregava e carrega em si a institucionalização do mal, isto é, se configurava e se configura como a desumanização legal das pessoas pretas, pois, o que devia ser feito era *"enforcar esse homem (aponta para o escravizado José)"*. Isso traz à baila aquilo que Almeida (2021, p.20-21, grifo do autor) defende:

[...] o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade [...] fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea.

Nesse íterim, a economia e a política não podem ser consideradas de forma isolada. Ou seja, a política como campo, por excelência, que disputa o poder simbólico, que promove ações que exercem significados sociais e que constitui grupos que se unem sob um determinado propósito (Bourdieu, 2011), assim como, a economia, sendo considerada como o conjunto de atividades que são desenvolvidas com o intuito da produção, da distribuição e do consumo de bens e serviços, caminham juntas sustentando-se mutuamente. Ter o poder de decisão nas mãos e significar o que é "bom" ou "mal", o que deve ser seguido ou não, o que é de qualidade ou não, se reflete nos ganhos e lucros. Não obstante, quanto mais se ganha, mais investimento é possível fazer nesse poder decisório, ganhando ainda mais poder e obtendo ainda mais lucro. Carvalho Filho (2010, p. 986) aponta que "a ligação superior mostra a intervenção da política sobre a economia; a ligação interior mostra a influência das condições econômicas sobre o setor público", isto é, tanto a economia quanto a política se retroalimentam, constituindo mecanismos de poder e mercados financeiros.

Segundo ParMais (2021), "O mercado financeiro é um ambiente que reúne um conjunto de instituições – entre tomadores de recursos e investidores – e permite a negociação de produtos financeiros, como títulos públicos, ações, fundos de investimentos, entre outros". Na época escravagista, o mercado financeiro não se constituía como na atualidade, não havia mercado de câmbio, monetário, crédito e

capital como hoje. No entanto, o poder exercido por um tipo de mercado, o escravagista (que se adequava à necessidade de mão de obra do açucareiro), pode ser considerado como similar. Era ele que matinha a desumanização das pessoas provenientes da África, as quais foram escravizadas. Também, era ele que retroalimentava seus ganhos com essa manutenção escravagista.

Ademais, mesmo com a institucionalização da abolição da escravatura, o racismo se manteve, pois, após dois anos passados da abolição, houve um decreto que segundo Skidmore (1974, p. 137 *apud* Nascimento, 1978, p.397) assegurava "entrada gratuita de pessoas saudáveis e aptas ao trabalho - exceto os nativos da Ásia e da África, que só podem ser admitidos mediante autorização do Congresso Nacional, e de acordo com as condições estipuladas". Ou seja, a racialização continuava, uma vez que a abolição não era conceitual para o mercado, mas perpassava, na verdade, por outros interesses econômicos e por uma concepção de branqueamento da população, pela qual "pretendia-se atingir uma higienização moral e cultural da sociedade brasileira" (Petean, 2012, p.37).

Também, conforme Gonzales (1982, p.16) aponta:

[...] o sistema se beneficia com a manutenção de tais condições [subjugação, desvalorização, desumanização etc.], na medida em que, desse modo, conserva à sua disposição a mão-de-obra mais barata possível. Isto porque a comunidade negra nada mais é do que mão-de-obra de reserva, utilizável segundo as necessidades do sistema.

Nesse sentido, entendemos que o debate sobre o que é racismo, sobre o que se mostra ao fundo do movimento racista, sobre a história e cultura africana e afro-brasileira (Lei 10.639. Brasil, 2003), sobre as relações de poder e sobre a constituição de uma *héxis* política (Rosa, 2021a, 2022b) pode se estabelecer no âmbito da educação matemática, diante de possíveis aulas de matemática. A exemplo disso, trazemos o próprio filme *Doutor Gama* (2021) como um recurso desencadeador do debate. A busca, por exemplo, pela compreensão da relação da economia com a situação escravagista da época, movimenta, historicamente e culturalmente, a educação financeira de cada estudante. Assim, concordamos com Silva e Powell (2013, p.11) quando afirmam que

um programa de Educação Financeira, para a formação desse público, que será desenvolvido ao longo de toda a Educação Básica, não deveria ser reduzido a finanças pessoais. Há muito mais temas relevantes a ser incluídos no currículo que podem chamar a atenção dos alunos como, por exemplo, as questões sociais relacionadas ao dinheiro.

As questões sociais que os autores se referem, a nosso ver, são muitas, principalmente, as que se ligam às condições econômicas de determinada parcela da sociedade, a qual, no Brasil, continua em sua maioria sendo racializada, isto é, sendo preta e parda. Precisamos, mais do que nunca, educar pela(s) matemática(s) (Rosa; Giraldo, 2023), transpondo os problemas, indo além do que se mostra como problema, pois, a educação financeira, por exemplo, é um movimento importante dentro do campo da educação matemática, porém, como nos revelam Silva e Powell (2015, p. 4):

o currículo [de educação financeira] existente não foi construído apenas para atender aos interesses da escola, mas para atender também a outros interesses, como os das instituições financeiras interessadas em formar futuros consumidores para seus produtos financeiros

Logo, entre as grandes preocupações desse currículo (im)posto, para que se efetue uma educação financeira, encontra-se o aumento da dívida, causada pelo fácil acesso ao crédito e a mercados financeiros, e o aumento de transações financeiras por meio eletrônico, por parte de pessoas que estão fora do sistema bancário (Oecd, 2005). Ou seja, as preocupações ligam-se ao endividamento das pessoas e consequente prejuízo por parte das/des/dos credoras/credories/credores, assim como, ao aumento de transações fora do ambiente bancário e consequente falta de controle e lucro em cima de operações financeiras. Dessa forma, de acordo com Silva e Powell (2015), questionamos: a educação financeira não deveria estar preocupada em educar para o reconhecimento do quanto o mercado interfere na política e vice-versa? Não deveria educar criticamente para que cada pessoa conseguisse analisar determinadas manchetes de jornais sobre a posição do mercado financeiro e o que isso significa diante de atitudes ou possíveis ações governamentais sobre a economia e finanças? No que essas atitudes acarretam a vida da população e como se posicionar em termos de uma possível pressão popular, por exemplo? Ou ainda, a ideia, de fato, é seguir acolhendo aquilo que o grupo dominante (leia-se, em parte, mercado financeiro) deseja e (im)põe?

Para muitos, a posição política nada tem a ver com as aulas de matemática, seguindo o que foi historicamente e culturalmente instituído como ordem da estrutura (Giraldo; Roque, 2021; Rosa; Giraldo, 2023). No entanto, a nosso ver, precisamos encarar as mudanças na concepção de aula de matemática, a fim de educarmos pela(s) matemática(s). Isso significa evoluirmos enquanto humanidade, a qual respeita todas as pessoas e que se posiciona a favor delas, considerando e respeitando

subjetividades relativas a cor, raça, gênero, idade, orientação sexual etc. Seguimos, então, o que o personagem Luiz Gama fala no filme: "*Mudanças são dolorosas. Muitos temem as mudanças. Nós como seres humanos preferimos sempre manter as coisas seguras. Do jeito que estão. Mas, se não dermos o primeiro passo senhores (ele dá um passo), nunca sairemos do lugar. E precisamos avançar como nação. Esse avanço, senhores, pode e deve começar aqui, agora*".

Com isso, seguimos nosso movimento de experiência com o Cinema, conseguindo, a nosso ver, dar um possível primeiro passo, isto é, ascendendo o estopim da discussão sobre o racismo estrutural, sobre sua relação com o mercado financeiro, suas consequências, posições e atitudes a serem conscientizadas. Logo, nos movemos para amarrar o passado com presente, ou seja, articular a realidade do passado que está representada na película Doutor Gama (2021) com a realidade atual evidenciada pela internet. Seguimos, então, nesse movimento de trama crítica, a fim de uma possível constituição/compreensão de responsabilidade social (Rosa, 2022a) e de *héxis* política (Rosa, 2021a; 2022b) na educação matemática.

Internet: fontes jornalísticas como meios de revelação da *héxis* política pela educação matemática

Por meio do Cinema, em especial, nesse artigo, por meio do filme Doutor Gama (2021), iniciamos um debate sobre racismo, transpondo problemas (Rosa; Giraldo, 2023) que nos assolam de forma estrutural. Transpor o problema significa ir além do que se mostra *a priori*, ir além do problema que se apresenta como figura, resgatando e refletindo sobre o seu fundo, ou seja, problematizando aquilo que está por trás do que é caracterizado como problema inicialmente, logo, debatendo outro ou outros problemas ocultos pelo que é dado como foco inicial. No caso do racismo, transpor o problema é buscar entender o que ele carrega por trás de sua conceituação, por exemplo, o conceito de raça (o que é? Por que tal conceito foi criado? Com quais interesses? Interesses de quem?) enquanto problema pode ser transposto. Essa transposição permite que outras reflexões se aportem no cabedal compreensivo. A exemplo disso, entender a ideia de capital, capital simbólico e finanças se mostra como problema que está por trás da própria conceituação de raça e essa ação, também, abre horizontes de compreensão para aquilo que se mantém hoje como racismo estrutural.

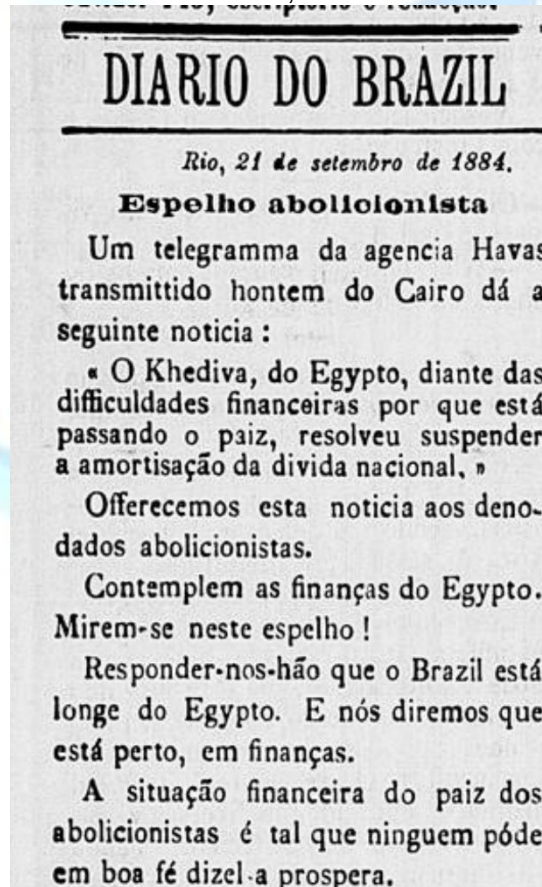
Assim, nosso movimento inicial foi relacionar uma cena do filme Doutor Gama (2021) com a ideia de crescimento econômico e de necessidade de mão de obra; com a resposta a essa necessidade, materializada pelo ato de escravização de pessoas

africanas (ato que não possuía qualquer traço de humanidade); e com a ideia de mercado escravagista, conforme discurso da cena do Luiz Gama com o procurador. Desse modo, evidenciamos nessa relação a nossa proposição de debate diante de uma educação financeira histórica e ampliada (além da proposta de finanças pessoais) que toma o racismo como figura e fundo.

Com isso, vamos além, buscamos metodologicamente, por meio da internet, fontes jornalísticas da época da abolição e, também, atuais, para promover a reflexão política e social do racismo com base na educação pela(s) matemática(s) (Rosa; Giraldo, 2023). Lembramos que a internet é um importante recurso educacional que pode ser experienciado como meio de revelação (Rosa, 2020) e de potencialização da constituição do conhecimento matemático (Rosa, 2008), no caso, sobre porcentagem, índices, taxas e sobre mercado financeiro que está atrelado a essa amálgama história que é o racismo e que desvela de seu fundo a trama do capital.

Nesse sentido, apresentamos na figura 2 a reportagem extraída do jornal "Diário do Brasil", edição nº 219, do dia 21 de setembro de 1884 (Docpro, 2023).

Figura 02 - Diário do Brasil, 21 de setembro de 1884



O proprio relatorio do ex-ministro da fazenda, o Sr. conselheiro Lafayette o declarou francamente e com louvavel patriotismo.

Só os abolicionistas, cegos pela paixão, não querem ver a real e verdadeira situação do paiz, e proseguem desempachadamente em sua obra de ruinas.

Ainda hontem, um dos thuribularios do abolicionismo, *anglo-maniaco*, se extasia diante do progresso e da prosperidade das rendas publicas, e exclama cheio de nobre orgulho :

« Vejam. Somos tão ricos e opulentos que só em ouro exportamos pelo vapor *Hevelius* 12:000\$000.»

Exportar 12 contos em ouro, para o abolicionista referido, é já uma prova de nossa riqueza e de nossa prosperidade, quando essa quantia não chega para pagar *entrelinhados do Jornal do Commercio* em defeza da causa abolicionista.

Não. Desenganem-se os *inglezados* abolicionistas, a situação financeira do paiz, á vista do desembaraço e protecção que elles têm dos cofres publicos, approxima-se da situação financeira do *Egypto*.

As apolices da divida publica estão cotadas a 1:030\$. Ainda ha pouco estavam a 1:080\$000.

As acções do Banco do Brazil estão cotadas a 250\$. Ainda ha pouco eram cotadas a 300\$000.

Todos os papeis de credito, emfim, perdem de valor dia por dia.

A desconfiança é geral. O capital se

retrahe. O espirito de empreza desaparece.

As economias nacionaes emigram constantemente do nosso paiz, e vão alimentar o trabalho e as industrias de outros povos.

O commercio queixa-se com fundamento de avultados prejuizos por esta depressão geral de valores.

Em fim o Brazil está ás portas do Egypto, e só os abolicionistas o não querem vê.

Avante! Acabem os abolicionistas a sua obra.

Fonte: DocPro (2023)

Nessa reportagem, podemos perceber que a agência de informações Havas foi a fonte daquilo que é tratado.

A Havas é a agência que teve durante quase meio século o monopólio virtual da informação internacional para o Brasil e para a América Latina, tanto das notícias que chegavam do exterior para os jornais brasileiros, como das publicadas no exterior sobre o país e a região (Molina, 2011).

Ademais, a reportagem trata inicialmente de um telegrama enviado pelo Khediva do Egito. O termo Khediva era o

título dos governantes do Egito no final do século 19 e início do século 20, derivado do persa *khidīw*, *khadīw* “senhor, príncipe, governante”. O uso da forma árabe do título *khidēwī* “khedival” está associado a *Isma il Pasha* [q.v.], *wali* ou vice-rei do Egito 1863-79, embora seus predecessores, *Abbās I Pasha* (1848-54) e *Sa'id Pasha* (1854 - 63) usaram-no não oficialmente na ocasião (Vatikiotis, 2012, tradução nossa).

Devemos ainda esclarecer que o conselheiro Lafayette, mencionado na reportagem, era Lafayette Rodrigues Pereira, jurista e político que nasceu em Queluz em 1834 e faleceu no Rio de Janeiro em 1917. Em 1883, ele organizou um gabinete a convite do Imperador, sendo efetivado presidente do Conselho e Ministro da Fazenda por um ano e doze dias (Academia..., 2023). Também, a palavra *thuribularios* utilizada, conforme o dicionário *The Free Dictionary* (1913), tem como sinônimo *adulador*, isto é, *bajulador*, *lisonjeador*. Além disso, o vapor *Havelius*, também mencionado na reportagem, era um navio (chamado de vapor à época) que transportava imigrantes e diversas mercadorias (Itália, 2011). Não obstante, cabe-nos

também ressaltar a diferença de redação da língua portuguesa de 1884 em comparação com os dias atuais. Inclusive, isso pode ser algo a ser evidenciado em aula e conduzido para a compreensão das possíveis transformações da língua, hoje, sendo tão questionadas em relação à linguagem neutra (“todes”, por exemplo) utilizada, principalmente, na internet.

Todavia, nosso foco aqui está dirigido ao discurso produzido em uma fonte jornalística importante da época, evidenciando a relação entre o que era defendido como postura econômica e a crítica ao abolicionismo. Logo, nossa proposta de atividade matemática que articula Cinema, internet, racismo e mercado financeiro volta-se para a constituição/compreensão de uma *héxis* política:

1º momento: propor o filme Doutor Gama (2021) em aula e, em algum momento, evidenciar a cena apresentada (01:12:26 a 01:17:29) para que as/es/os estudantes contextualizem e reflitam sobre a história do Brasil, com o foco no período escravagista (as/es/os estudantes podem ser orientados a assistir ao filme em casa, ou a/ê/o docente pode trazer o filme para a sala de aula e exibi-lo, ou ainda, narrar o que acontece no filme apresentando a transcrição da cena - caso a escola não tenha recursos para a exibição do filme). O importante é que a/ê/o docente tenha liberdade de adaptação, criação e (re)invenção, inclusive, de ordenamento de como experienciar o filme. Isto é, não há uma receita, não há uma sequência, há, sim, uma sugestão de chamado à reflexão, no qual o filme pode, conforme Bordwell e Thompson (2014), vir a ser um meio que mostre os lugares e modos de vida das pessoas escravizadas no Brasil, com os quais as/es/os estudantes não teriam contato. Nesse sentido, sugerimos o levantamento de questões: a) Conforme a cena apresentada, qual era a justificativa dos brancos para considerarem as pessoas pretas inferiores? b) Como essa consideração pode ser nomeada? Isso acontece ainda hoje? Por quê? c) Essa atitude está certa, justifique? d) O que fazer em casos que percebamos que haja essa postura discriminatória? e) Qual a postura que devemos tomar? Por quê? f) Há, no filme, relações das ações contra o escravizado José que podem ser justificadas com a economia? Se sim, quais? O que é apresentado? g) O que a economia e as finanças têm a ver com o que ocorria na época da escravização? (Caso haja possibilidade, a internet pode servir de fonte de busca de informações históricas, dados econômicos da época, reflexões sobre causas e consequências político-econômicas da escravização).

2º momento: acessar o jornal "Diário do Brasil" edição nº 219, preferencialmente, pela internet (deixando tempo para investigação e leitura por parte

das/des/dos estudantes, inclusive de outras reportagens e outras edições), ou trazendo o recorte proposto nesse artigo por meio da exibição em algum dispositivo. Ou ainda, trazendo o recorte impresso em folhas a serem distribuídas, também, sendo possível realizar a leitura e passar uma única folha com a reportagem impressa para que as/es/os estudantes visualizem e tenham contato com a estética do jornal (importante mencionar a fonte e a disponibilidade de encontrá-la hoje com a internet). É importante vislumbrar a linguagem, o formato, e relacioná-los com o que é visto hoje nos jornais e na internet. Diante disso, sugerimos algumas indagações a serem propostas com a reportagem do jornal Diário do Brasil: a) Qual a ideia central da reportagem? b) Qual sua posição diante do que está sendo apresentado, caso estivesse vivenciando o momento? c) Qual a mensagem que está por traz do argumento financeiro da reportagem? d) O que é amortização? e) O que é dívida social? f) O que é amortização da dívida social? g) Quais consequências da suspensão da amortização da dívida social? h) Qual é o grupo mais prejudicado com essa atitude? Por quê? i) Quantas trocas de moeda o Brasil já teve? j) Quais os valores monetários do Brasil no decorrer da história? Ou seja, quais foram as moedas? l) Qual era a notação de cada uma das moedas? m) A quantia de 12:000\$000 representa o que? Quanto essa quantia equivaleria na moeda corrente atual (o Real)? n) Por que e quando há trocas de moeda? (A internet precisa ser meio de investigação, descobertas e revelação de informações históricas. Caso não haja acesso na escola, a professora/professorie/professor precisa (re)inventar a atividade, reconhecendo a redução de potencialização da constituição do conhecimento que a internet permite. Cabe também alertar para o debate ao letramento digital, buscando em conjunto com estudantes, identificar fontes confiáveis e aquilo que possivelmente possa aparecer como informação inverídica).

3º momento: por meio da experiência com a internet, sugerimos que as/es/os estudantes também sejam convidadas/convidades/convidados à exploração de notícias jornalísticas atuais sobre o papel do mercado financeiro diante da situação política do Brasil. Por exemplo, a posição do mercado, entre 2022 e 2023, em relação aos gastos com o Bolsa Família (política pública iniciada em 2004). Nessa perspectiva, é viável sugerir a consulta em sites de busca com os seguintes marcadores: "mercado financeiro", "Brasil", "PEC da transição". Assim, a leitura de reportagens como: "Como o mercado interpretou as mudanças na PEC da ...", "PEC da Transição: Proposta de Lula preocupa mercado" e "PEC de Transição de R\$ 175 bilhões assusta mercado,

que ...", vistas como as primeiras que emergem da busca em um conhecido site (figura 03), entre outras, precisam ser recurso de reflexão comparativa.

Figura 03 – Respostas do site de busca sobre "mercado financeiro", "Brasil", "PEC da transição".



Nesse sentido, comparar é uma ação matemática importante, pela qual a situação expressa no filme Doutor Gama (2021), a reportagem do Diário do Brazil (Docpro, 2023) e as reportagens atuais precisam passar. Assim, para esse momento sugerimos as seguintes indagações comparativas em seu conjunto: a) Qual é o problema apresentado pelo mercado financeiro que justifica sua preocupação para a PEC de transição? b) A preocupação do mercado, se resolvida, prejudica e beneficia a quem? c) Qual grupo representa o foco da PEC de transição? d) O que é uma PEC? Como funciona? e) De que forma o racismo tem a ver com isso? f) Matematicamente quanto equivale, em porcentagem, o valor a ser passado na PEC à população da Bolsa Família, se comparado com o valor que a taxa de juros de 13,75% (2022-2023), acarretará aos cofres públicos por causa da dívida pública? (Sugerimos a leitura de Elias (2023) "Juro alto eleva gasto do governo com a dívida em até R\$ 110 bi em 2023, diz XP") g) O que você entende por porcentagem, juros e taxa de juros? h) Se compararmos os argumentos da reportagem do Diário do Brazil (Docpro, 2023) com as reportagens atuais sobre a preocupação do mercado financeiro (Google, 2023) quais relações podem ser estabelecidas? i) Quais ações, como pessoas que não exercem cargos de poder, podemos tomar frente ao que se apresenta?

Sob essas orientações/sugestões, professoras/professoras/professores de matemática podem se inspirar e articular, (re)inventar propostas de discussão sociopolítica sobre racismo e suas consequências com/em aulas de educação

financeira, trazendo como suporte conceitos matemáticos que contribuam para a constituição/compreensão de uma *héxis* política antirracista. Trazer problematizações para que suas/suas/seus estudantes (re)ajam a constantes discriminações de pessoas pretas, sempre justificando seus posicionamentos, traspondo problemas (no caso deste estudo, de ordem financeira, os quais mascaram a estrutura do próprio preconceito ou que são fonte de aditivção desse preconceito) é o que nos move em termos de educação pela(s) matemática(s).

Assim, devemos estar cientes, conforme Cunha, Oliveira e Gomes (2022, p.81) que o,

Panorama Social da América Latina de 2021, divulgado neste ano de 2022, elaborado pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), foi conclusivo no sentido de que o número de pessoas que vivem em extrema pobreza aumentou em quase cinco milhões entre 2020 e 2021.

Dentre essas pessoas, há uma discrepância entre brancos e pretos. Cavallini (2022), afirma que uma pesquisa do IBGE publicada em novembro de 2022,

mostra que, em 2021, considerando-se a linha de pobreza monetária proposta pelo Banco Mundial, a proporção de pessoas pobres no país era de 18,6% entre os brancos e praticamente o dobro entre os pretos (34,5%) e entre os pardos (38,4%). Os dados são do estudo Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil.

Assim, cada vez mais a educação matemática precisa entrar em campo, para educar estudantes, desde cedo, a criarem consciência social e política de forma a mudar esse quadro.

Nosso movimento de educar pela(s) matemática(s): nossa postura antirracista e em defesa da justiça social

Esse estudo teórico e propositivo, buscou articular Cinema, internet, racismo e mercado financeiro, de forma que pela educação matemática estudantes possam compreender/constituir uma *héxis* política antirracista e que seja defensora da justiça social. Nesse viés, acreditamos que a atividade matemática apresentada é um início para que o racismo seja debatido nas aulas de matemática, principalmente, com intuito de se educar pela(s) matemática(s) para que haja uma geração social e politicamente consciente de seu papel no mundo. Ademais, é um movimento para que a Lei 10.639 seja cumprida nas aulas de matemática, pois, nosso compromisso com a história e cultura africana e afro-brasileira precisa ser constante.

Desse modo, apontamos como objetivo da aula de matemática o debate sobre o racismo e as possibilidades de posição política frente a ele, levantadas na atividade.

Esse objetivo é fundamental porque deslocamos e defendemos esse deslocamento do objetivo de uma aula de matemática não ser mais o conteúdo matemático propriamente dito. Para nós, os assuntos matemáticos podem e devem alicerçar a discussão, isto é, a aprendizagem deles pode e deve acontecer com o objetivo de compreensão do assunto debatido, fazendo sentido e reciprocamente ajudando a compreender o próprio conceito matemático.

Não obstante, enlaçar o Cinema e a internet possibilitam a potencialização da constituição do conhecimento. O Cinema como tecnologia política faz com que nos transportemos para uma realidade, na maioria das vezes, não vivida por nós, mas que com o filme pode ser experienciada e ativar empatia, reconhecimento, sensações, emoções e posições de liberdade em relação a quem ali, na tela, está representada/representade/representado. O Cinema torna-se um meio de revelação de vivências, por vezes, não imaginadas ou questionadas. Também, a internet abre horizontes investigativos, de descobertas e acessos a fontes de informação que sem ela não estariam acessíveis. Mesmo com a atenção sempre necessária diante de notícias e informações inverídicas, a internet é um importante meio de revelação de memórias, histórias, situações e de provocação à problematização dessas memórias, histórias e situações que na maioria das vezes são oficialmente relatadas a partir de uma posição colonial eurocêntrica. Então, cabe sempre o olhar crítico e de contestação lógica e de busca pela transposição dos problemas que são apresentados. A internet é uma biblioteca mundial com acesso por um clique e o Cinema é um repositório de vivências performaticamente referenciadas e imaginadas, ambos revelando e nos transpondo a situações a serem refletidas, argumentadas, justificadas e que, muitas vezes, precisam ser (re)inventadas oficialmente também sob um olhar decolonial.

Referências

- ACADEMIA Brasileira de Letras. **Lafayette Rodrigues Pereira**: biografia, 2023. Disponível em: Lafayette Rodrigues Pereira | Academia Brasileira de Letras. Acesso em: 30 mai. 2023.
- ADORO CINEMA. **Doutor Gama**, 2021. Disponível em: Doutor Gama - Filme 2021 - AdoroCinema. Acesso em: 25 jun. 2023
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.
- BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A Arte do Cinema**: uma introdução. Tradução Roberta Gregoli. Campinas (SP): Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da USP, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz (português de Portugal). Tradução de: Le pouvoir symbolique. – 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 318p.

BRASIL. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em: 12 abr. 2021

CARVALHO FILHO, José dos Santos. **Manual de direito administrativo**. 23. ed. Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2010.

CAVALLINI, Marta. **Proporção de pretos e pardos entre os pobres chega ao dobro em relação aos brancos, mostra o IBGE**. G1 - Globo Comunicação e Participações S.A, 2022. Disponível em: [Proporção de pretos e pardos entre os pobres chega ao dobro em relação aos brancos, mostra o IBGE | Economia | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/economia/ibge/proporcao-de-pretos-e-pardos-entre-os-pobres-chega-ao-dobro-em-relacao-aos-brancos-mostra-o-ibge). Acesso em: 30 mai. 2023.

CUNHA, Giowana Parra Gimenes da.; OLIVEIRA, Giovana Aparecida de; GOMES, Daniela Ramos Marinho. Luiz Gama, **Compromisso Maximizador e os Postulados da Ordem Econômica**. Revista Brasileira de Teoria Constitucional, v.8, n. 2, p. 70 – 84, 2022.

DOCPRO. Diário do Brazil. Ano 1884, Edição 00219, 2023. Disponível em: [Diario do Brazil \(RJ\) - 1881 a 1885 - DocReader Web \(bn.br\)](https://diariodobrazil.org/) Acesso em: 08 dez. 2022.

DOUTOR GAMA. Direção: Jeferson De. Produção de Pedro Betti, Heitor Dhalia, Egisto Betti e Manoel Rangel. Brasil: Globo Filmes. Globoplay, 2021.

DUMAS, Alexandra. Gôuvea. **Corpo negro**: uma conveniente construção conceitual. In.: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 18, 2019, Salvador. Anais... Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2019, p. 1-9. Disponível em: < <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111785.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

ELIAS, Juliana. **Juro Alto Eleva Gasto do Governo com a Dívida em até R\$ 110 bi em 2023, diz XP**. CNN Brasil, 2023. Disponível em: [Juro alto eleva gasto do governo com a dívida em até R\\$ 110 bi em 2023, diz XP \(cnnbrasil.com.br\)](https://www.cnnbrasil.com.br/economia/juro-alto-eleva-gasto-do-governo-com-a-divida-em-ate-r-110-bi-em-2023-diz-xp). Acesso em: 30 mai. 2023.

GIRALDO, Victor A.; ROQUE, Tatiana. M. **Por uma Matemática Problematizada**: as Ordens de (Re)Invenção. Perspectivas da Educação Matemática, v. 14, n. 35, p.1-21, 2021.

GIROUX, Henry. **Breaking into the Movies**: public pedagogy and the politics of film. Policy Futures in Education, v.9, n. 6, p. 686-695, 2011.

GONZALES, Lélia. **O Movimento Negro da Última Década**. In.: GONZALES, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de Negro. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1982, p. 9-66.

GOOGLE. **Mercado Financeiro Brasil PEC da Transição**, 2023. Disponível em: mercado financeiro Brasil PEC da transição - Pesquisa Google. Acesso em: 30 mai. 2023.

ITALIA. Listas Vapores, 2011. Disponível em: Listas Vapores ~ Itália (imigracaoitalinanobrasil.blogspot.com). Acesso em: 30 mai. 2023.

KIVEL, Paul. **Uprooting racism: how white people can work for racial justice** (3rd ed.). Gabriola Island, Canada: New Society, 2011.

MOLINA, Matías M. **O monopólio da informação**. Observatório da Imprensa.2011. Disponível em: O monopólio da informação | Observatório da Imprensa (observatoriodaimprensa.com.br) Acesso em 30 mai. 2023

NASCIMENTO, Abdias do. **African Culture in Brazilian Art. Journal of Black Studies**, v. 8, n. 4, p. 389-422, 1978.

OECD. **Improving Financial Literacy: Analysis of Issues and Policies**, 2005. Disponível em: Improving Financial Literacy: Analysis of Issues and Policies | READ online (oecd-ilibrary.org). Acesso em: 31 mai.2023.

PARMAIS. **Mercado financeiro: o que é e como funciona?**, 2021. Disponível em: Mercado Financeiro: Entenda o que é e como funciona (parmais.com.br) Acesso em 30 mai. 2023.

PETEAN, Antônio Carlos Lopes. **O racismo universalista no Brasil**. Cadernos de História, v.7, n. 2, p. 35-47, 2012

PIRES, Maria da Conceição Francisca; SILVA, Sérgio Luís Pereira da. **O Cinema, a Educação e a Construção de um Imaginário Social Contemporâneo**. Educação & Sociedade, n. 35, p.607-616, 2014.

ROSA, Maurício. **Cinema, Educação Matemática e Exclusões/inclusões: possíveis conexões**. RIPEM: Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática, v.13, n. 3, p.1-24, 2023.

ROSA, Maurício. **Cyberformação com professorias de matemática: a compreensão da héxis política à pedagogia queer**. In. ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática. Brasília: SBEM, 2022a, p. 206-246.

ROSA, Maurício. **Cyberformação com Professorias de Matemática: discutindo a responsabilidade social sobre o racismo com o Cinema**. Boletim GEPEM, n. 80, p. 25-60, 2022b.

ROSA, Maurício. **Teoria Queer, Números Binários e Educação Matemática: estranhando a matemática em prol de uma héxis política**. Educação Matemática Em Revista - RS, v.2, n. 22, p. 70-87, 2021a.

ROSA, Maurício. **Experiências Estéticas em Educação Matemática que “belo” livro!!!** Prefácio. In: SILVA, Ricardo Scucuglia Rodrigues da; IDEM, Rita de Cássia (org.). Experiências Estéticas em Educação Matemática. Porto Alegre: Fi, 2021b. p. 11-24.

ROSA, Maurício. **Mathematics Education in/with Cyberspace and Digital Technologies: What Has Been Scientifically Produced About It?** In: BICUDO, Mari

Aparecida Viggiani (Ed). Constitution and Production of Mathematics in the Cyberspace: a phenomenological approach. Springer, 2020, p. 3-15.

ROSA, Maurício. **A Construção de Identidades Online por meio do Role Playing Game: relações com o ensino e aprendizagem de matemática em um curso à distância**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - UNESP, Rio Claro, 2008.

Disponível em:

<<http://www.rc.unesp.br/gpimem/downloads/teses/rosa%20m%20doutadodo.pdf>>.

Acesso em: 20 jun. 2021.

ROSA, Maurício; GIRALDO, Victor Augusto. **Transpondo Problemas para que uma educação matemática decolonial e de (re)invenção “não passe em branco”**. RIPEM: Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática, v.13, n. 2, p.1-25, 2023.

ROSA, Maurício; MALTEMPI, Marcus Vinicius. **A Construção do Conhecimento Matemático sobre Integral: o movimento hipertextual em um curso utilizando o RPG online**. In.: JAHN, Ana Paula; ALLEVATO, Norma. Sueli. Gomes. (Org.). Tecnologias e educação matemática: ensino aprendizagem e formação de professores. Recife: SBEM, v.7, 2010, p. 25–44

SILVA, Amarildo Melchiades da; POWELL, Arthur. Belford. **Educação Financeira na Escola: a perspectiva da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico**. Boletim Gepem, n. 66, p. 3-19, 2015.

SILVA, Amarildo Melchiades da; POWELL, Arthur. Belford. **Um Programa de Educação Financeira para a Matemática Escolar da Educação Básica**. In.: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 11, 2013, Curitiba. Anais... Curitiba: PUC- Paraná, 2013, p. 1-9. Disponível em: UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA A MATEMÁTICA ESCOLAR DA EDUCAÇÃO BÁSICA - PDF Free Download (docplayer.com.br). Acesso em: 30 mai. 2023.

THURIBULÁRIO. In.:THE FREE Dictionary. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, 1913. Disponível em:

<https://pt.thefreedictionary.com/Thuribul%c3%a1rio>. Acesso em: 30 mai. 2023.

VATIKIOTIS, Panayiotis Jerasimof. “Khidīw”, in, In.:BEARMAN, Peri; BIANQUIS, Thierry; BOSWORTH, Clifford Edmund; DONZEL, Emeri van; HEINRICHS, Wolfhart (Eds) Encyclopaedia of Islam, Second Edition, 2012. DOI: http://dx.doi.org/10.1163/1573-3912_islam_SIM_4283

WILLIAMS, Raymond. Keywords: **A vocabulary of culture and society**. Oxford University Press, 2015.

Submetido em:23/09/2023

Aceito em: 23/02/2024